**QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS:
ALTERIDADE, LINGUAGEM E INSUBMISSÃO**

**QUARTO DE DESPEJO, BY CAROLINA MARIA DE JESUS:
ALTERITY, LANGUAGE AND INSUBMISSION**

Ivana Ferrante Rebello¹

Leonardo Tadeu Nogueira Palhares²

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.143112

RESUMO: Neste artigo propomos uma leitura *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, através da presença do “português” de duas maneiras: enquanto gentílico, em referência aos descendentes portugueses que vivem na pobreza da favela e subjulgam os moradores, e enquanto língua que, com seus erros crassos, também enuncia, em nível de linguagem, a mesma pobreza de vida em que vive a personagem-narradora e como ela não se subordina às faltas de sua miserável vida.

ABSTRACT: This article aims to analyze *Child of the Dark* (Title of the English edition), by Carolina Maria de Jesus,

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela PUC-MG. Professora do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros — Unimontes, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.

² Mestre em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes.

through the presence of "Portuguese" in two ways: as nationality, in reference to the descendants of Portuguese people who live in the poverty of favelas and subjugate the other residents, and as a language that, with their gross mistakes, also state on the language level the same poverty of life in which the narrator-character lives and how she is not subjugated to the scarcity of her miserable life.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade; Carolina Maria de Jesus; Linguagem; *Quarto de Despejo*.

KEYWORDS: Alterity; Carolina Maria de Jesus; Language; *Child of the Dark*.

uando se pensa na escrita de Carolina Maria de Jesus, é possível evidenciar o quanto alteridade e linguagem confluem em sua produção literária. Mulher, negra, pobre, mas forte, é uma heroína contra a opressão. Com uma bravura que é associada à sua eloquência, não se prendeu a um estilo para lutar contra o que a calava. Lançado em 1960,³ *Quarto de Despejo*, é uma obra cujo gênero é difícil de ser definido. Audálio Dantas, no prefácio da edição em mãos, declara se tratar de um diário, cujos trechos foram publicados por ele na *Folha da Noite*, em 1958;

³ Audálio Dantas, em prefácio da edição da obra aqui a ser analisada, acusa o lançamento da primeira edição de *Quarto de Despejo* em agosto de 1960 (cf. DANTAS in JESUS, 2000, p. 3). A edição utilizada neste estudo é a da Editora Ática de 2000.

posteriormente na revista *O Cruzeiro*, em 1959, e, por fim, lançado em livro em 1960 (cf. DANTAS in JESUS, 2000, p. 3).

Dantas parece-nos sugerir a ambiguidade do gênero da obra. Sobre os escritos *Carolina* diz: "[l]i, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história — a visão *de dentro* da favela." (DANTAS in JESUS, 2000, p. 3, grifo do autor). A relação entre "repórter" e "escritor" evidencia uma oposição, pois enquanto um escritor de ficção produz textos por meio da imaginação, ao repórter é dada a missão de escrever sobre fatos acontecidos. No entanto, tais distâncias não parecem tão simples, diante de obras como *Quarto de Despejo*, por exemplo.

É possível depreender que, além da realidade, o texto também pode trazer traços de literatura, conforme o próprio Dantas assevera. Segundo ele, o texto carrega uma "[...] lírica narrativa do sofrimento do homem relegado à condição mais desesperada e humilhante de vida" (DANTAS in JESUS, 2000, p. 4). Dantas também chama a atenção para o fato de que *Quarto de Despejo*, uma vez na ordem do dia, promoveu recepção variada. Houve quem dialogasse com a obra como verdade, e outros que questionassem a veracidade do texto (cf. DANTAS in JESUS, 2000, p. 5).

Se Jesus lida com a "coletividade miserável", talvez isso se dê pelas múltiplas maneiras de se compreender o discurso de sua obra — como a alteridade, isto é, para em um texto dito como pessoal encontrarmos espaço para a

fala do outro, para o lugar do outro ali representado. Tal reflexão pode apontar que a fala do outro apresenta marcas de imposições feitas pelo próprio "eu". Sergio Barcellos, no artigo "Aproximações: teorias contemporâneas da literatura, identidade e diários", discorre que

o resultado da instauração de uma nova noção de sujeito, quando relacionada ao surgimento de uma escrita de cunho autobiográfico, justifica o fato de que um grupo de práticas textuais passasse a ser designado como escritas do eu (ou escritas de si, narrativas do eu, etc.). A terminologia empregada na abordagem desses escritos já aponta para a passagem da dimensão privada à pública, e a presença da adjetivação não somente exemplifica como problematiza a delimitação dos territórios do público e do privado. Os diários, que em sua gênese foram textos comunitários, passam a agregar um qualificador: os termos pessoal, subjetivo, íntimo, etc. (BARCELLOS, 2007, p. 51)

Mesmo com o espaço destinado ao escrito/falado do outro, o pessoal, subjetivo e íntimo de um diário, conforme as palavras de Barcellos, percebemos que está marcada, conforme a maneira de como o "eu" guia, a presença do outro dentro de seu próprio texto.

Osmar Pereira Oliva, no artigo "A Fome da Escrita — Paratextos no *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus", destaca a presença de vários textos "alheios", como quadrinha popular, cartão, santinho político, marchinha, notícia de jornal, *Bíblia Sagrada* e palavras de ordem, e como os mesmos se inserem na narrativa e afetam o prosseguimento dela (cf. OLIVA, 2014, p. 203-204). A presença de textos outros em uma escrita dita "de si" pode confabular com a proposição de que falar de si é falar do outro também. A presença "de si" no texto é igualmente a presença "do outro", e de seus vários discursos e múltiplos gêneros que marcam tal diferença.

Se pensarmos que a fala do "eu" implica transmitir a própria identidade, enquanto que a fala do "outro" carrega a sina de ser uma voz distinta, até por vezes oposta, é possível pensar que, ao ceder a fala, há uma expressão da alteridade, isto é, nas palavras de Zilá Bernd em *Literatura e Identidade Nacional*, é

a identidade que nega o outro, permanece no mesmo. Excluir o outro leva à visão especular que é redutora: é impossível conceber o ser fora das relações que o ligam ao outro. (BERND, 2003, p. 17)

Assim, podemos pensar a alteridade em *Quarto de Despejo*, uma vez que predomine a escrita pessoal, tam-

bém haja espaço para a voz do outro para denotar essa diferença de quem escreve, do que está escrito.

Nessa linha de análise, buscaremos explorar como a relação da negra com o português (em seus muitos sentidos) em *Quarto de Despejo* pode ser evidenciada por meio da alteridade — a negra que escreve sobre o português e os seus possíveis reflexos, e também a forma como essa escrita é relacionada com a sua própria feitura, conforme diz o próprio Audálio Dantas, não apenas de alguém que escreve *sobre* a favela, mas de *dentro* deste universo.

Para percebermos a presença portuguesa no livro, destacamos este trecho que narra um fato ocorrido próximo a um campo de futebol, datado de 17 de julho de 1955:

*Saí a noite, e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo do São Paulo, varias pessoas saiam do campo. Todas brancas, só um preto. E o preto começou insultar-me:
— Vai catar papel, minha tia? Olha o buraco, minha tia. (JESUS, 2000, p. 12)⁴*

⁴ Toda a obra *Quarto de Despejo* é marcada pela falta de acentuação de palavras, problemas de concordância, dentre outros "erros ortográficos". De acordo com a Nota dos Editores, "[e]sta edição respeita fielmente a linguagem da autora que muitas vezes contraria a gramática, mas que por isso mesmo traduz com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo" (JESUS, 2000, p. 7). Neste artigo, as transcrições de trechos da obra conservarão o transcrito da original, sem alterações. Abstivemos por declarar o *sic* em cada incorreção gramatical, uma vez que seria fastidiosa tarefa e poderia levar a uma leitura totalmente divergente daqui proposta.

A presença portuguesa não se encontra no corpo do texto, mas sim em nota de rodapé, referindo-se à palavra "São Paulo". Trata-se de uma nota de editor, que assevera: "na época, o campo do São Paulo Futebol Clube localizava-se no bairro do Canindé, onde hoje é o estádio da Portuguesa de Desportos." (JESUS, 2001, p. 12). Vemos que, por meio deste acréscimo de informação, o texto se desdobra, e o que é dito como além do textual integra-se na narrativa de forma a expandir as possibilidades de leitura.

Podemos ler esta nota editorial como algo que tem possibilidade de intervir na narrativa, que mexe com um espaço marcado pelo "eu" que narra a história. Ressalta-se o fato de que tal cena é descrita por um ato de racismo praticado por um preto, tal qual a personagem Carolina, que narra. Os outros torcedores, todos brancos, soam, de acordo com a voz narradora, como um agravante da abissal distinção que há entre aqueles que possuem tempo livre para assistir a um jogo de futebol e aqueles que, como ela, catam papel para sobreviver. Assim, a figura do português é marcada, no texto de Jesus, por essas intervenções: do racismo, pela presença da maioria de brancos, do racismo praticado por um negro e da intervenção ao texto por meio da nota de rodapé.

Outro exemplo de figuração de portugueses em *Quarto de Despejo* é quando a personagem narradora faz as suas considerações a respeito destes imigrantes, em especial os do sexo masculino, em 15 de julho de 1958:

[...] Quando cheguei na favela tinha um português vendendo miúdo de vaca. Compre meio quilo de bucho. Mas eu não gosto de negociar com português. Eles não tem educação. São obscenos, pornográficos e estúpidos. Quando procura uma preta é pensando explorá-la. Eles pensam que são mais inteligentes do que os outros. O português disse para a Fernanda que lhe dava um pedaço de figado se ela lhe aceitasse. Ela não quis. Tem preta que não gosta de branco. Ela saiu sem comprar. Ele deixou de vender por ser atrevido. (JESUS, 2000, p. 83)

Os reflexos de Portugal como o país colonizador do Brasil e como o país que aqui utilizou negros africanos como escravos parecem perdurar nesta passagem da obra de Carolina Maria de Jesus: os personagens⁵ portugueses são vistos com negatividade pela protagonista negra. Deles, ela abstrai a civilidade, a vê-los cercados de uma animalesca luxúria. Ao dizer que procuram uma preta para explorar, manifesta-se a escravidão de outros tempos, reencenando-a na repetição de atos e pensamentos excludentes e tirânicos.

⁵ Encaramos a questão da "personagem" aqui conforme aponta Beth Brait em seu livro *A Personagem*, já que como consideramos o texto de Carolina de Jesus como literatura, seus personagens seriam "problemas linguísticos", pois não existem "fora das palavras", bem como "representam pessoas", isto é, estão ali para apresentarem um papel ficcional (cf. BRAIT, 1987, p. 11).

O português também pode ser figurado como aquele que propaga a miséria: a sua função neste momento é ir à favela vender miúdos de vaca. Ele detém o objeto de desejo dos favelados (os miúdos) e lida com os negócios por meios desumanizados, usando da força do poder que lhe confere a cor, a identidade europeia e um lugar privilegiado na sociedade, em detrimento do negro, do pobre, do favelado. A questão do sexo entre portugueses e mulheres negras já foi discutida por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, quando se refere à formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, em que o escritor discorre sobre a "degradação em virtude da escravidão":

introduzidas as mulheres africanas no Brasil dentro dessas condições irregulares de vida sexual, a seu favor não se levantou nunca, como a favor das mulheres índias, a voz poderosa dos padres da Companhia. De modo que por muito tempo as relações entre colonos e mulheres africanas foram as de franca lubricidade animal. Pura descarga de sentidos. Mas não que fossem as negras que trouxessem da África nos instintos, no sangue, na carne, a maior violência sensual do que as portuguesas ou as índias. (FREYRE, 2006. p. 516)

Carolina posiciona-se ao lado de Fernanda: o deixar

de comprar dela não é justificado, enquanto que a não venda do português tem o complemento dele ser "atrevido". O português tem as posses do que seria necessário para preencher o seu diferente, porém o negocia com algo que lhe faz falta: o sexo⁶. Se na colônia o corpo dos negros servia para o trabalho braçal e para o desfrute do dono, como objeto, na sociedade em que habita Carolina de Jesus, anos depois, o corpo negro continua a ser objeto de fetiche sexual, onde recaem as relações de desigualdade e exclusão.

Há outras passagens em *Quarto de Despejo* que mencionam os portugueses, como o vendedor de miúdos que leva uma tijolada e tem seu dinheiro saqueado pelos favelados (cf. JESUS, 2000, p. 100-101); outra em que um português, chamado Seu Joaquim, diz à Carolina que as crianças aprendem a fazer sexo primeiro do que aprendem a ler (cf. JESUS, 2000, p. 122), e Carolina menciona, na progressão da narrativa, um português que quer morar com ela, porém ela nega para não se aborrecer (cf. JESUS, 2000, p. 142). Podemos pensar a relação de Carolina Maria de Jesus, a brasileira negra e pobre, com os portugueses, como uma relação que perpetua a submissão colonial e o sentimento de inferioridade que dela decorre. Porém, em contraponto,

⁶ Conforme podemos pensar nas "faltas" que Carolina de Jesus apresenta em sua escrita, podemos pensar que o "outro" aqui demonstrado, ou seja, o português, também tem as suas. Embora nosso enfoque seja no que o português tem que falte no negro, pode ser vistos outros momentos em que o português é também vitimado pela ausência, como, por exemplo, a sua própria presença na favela, sem alternativa senão apelar para a busca na miséria como meio de sustento.

sobrevém, nas páginas do diário, a consciência plena disso: os portugueses dominam o espaço, detém a comida e a fama de serem fortes no meio, mas Carolina escreve como desabafo e denúncia: sua letra descreve o poderio agressivo dos portugueses, sem atenuar qualquer fato. Nesse aspecto, seu texto é cru, violento.

Como vimos nos trechos analisados, há uma série de elementos que, a rigor, seriam chamados de "erros ortográficos"⁷. Conforme se sabe, os "erros" foram preservados e propositais na edição e publicação da obra. A estratégia nos permite inferir que os "erros de ortografia" são elementos artísticos do livro, isto é, eles a ela se integram como opção estilística de forma a ampliar as interpretações do texto. O "erro" da língua escreve com nitidez os erros de uma sociedade que exclui e marginaliza.

Percebemos, nos dois trechos analisados, alguns termos que seriam apontados como incorreções gramaticais não fosse a obra escrita pela favelada Carolina de Jesus: temos palavras como "purtuguês", "miudo", "iducção", "obcenos", "pornograficos", "estupidos", "figado", "quiz", entre

⁷ Amanda Crispim Ferreira, em "Do Quarto de Despejo, A Poesia de Carolina Maria de Jesus" (2014), declara que os erros de Carolina não eram intencionais como os modernistas, mas por desconhecimento da norma culta, e que muitas vezes a autora praticou hipercorreção. Contudo, pelo seu esforço de recorrer ao dicionário e imitar as linguagens do Romantismo e do Parnasianismo, por exemplo, somava à estas a linguagem da favela, o que tornavam a sua linguagem singular (cf. FERREIRA in DUARTE *et al.* (Orgs.), 2014, p. 212). Contudo, neste artigo pensamos os "erros" de Carolina de Jesus como parte integrante da narrativa, sem pretender averiguar uma suposta intencionalidade ou não nestas incorreções.

outras. Ao utilizarmos o termo "seriam apontados", pode-se pressupor que o texto que está em *Quarto de Despejo* não é escrito em português, mas sim em algo que remonta a ele; não é nenhuma outra língua propriamente conhecida, mas sim a língua que Carolina Maria de Jesus sabia escrever: a dela. Sua escrita não se organiza em nome da ordem gramatical vigente, mas sim pela (des)ordem da vida da própria autora, como forma de expor as desigualdades sociais e os despojos, inclusive linguísticos, que sobram a quem não pode usufruir dos bens sociais considerados essenciais como o alimento, a moradia, a escolarização.

A linguagem de erros explicita a diferença da personagem-autora em relação à sociedade privilegiada. A escrita, que remete à língua portuguesa, mostra-se eficiente para acentuar a pobreza na favela em que se passa *Quarto de Despejo* – a própria favela como espaço de “erro” na distribuição precária de rendas e bens sociais. Se, no plano urbanístico, a favela nasce e se cria como um assentamento informal, caracterizado por moradias precárias e pela miséria, no plano do discurso, a língua de Carolina Maria de Jesus é o contraponto ao português canônico, impositivo. Seu “erro” evidencia, em dimensão maior, os erros de uma história construída com bases na exclusão e no preconceito.

Esta linguagem, que se rebela contra a norma, cria uma distorção que soa como uma movimentação, como se tivesse vida dentro da narrativa: como se fosse uma perso-

nagem. A esse respeito, BRAIT (1987) reflete

ao encarar a personagem como ser fictício, com forma própria de existir, os autores situam a personagem dentro da especificidade do texto, considerando a sua complexidade e o alcance dos métodos utilizados para apreendê-la. (BRAIT, 1987, p. 51, grifos da autora)

Podemos ler que Carolina utiliza-se da escrita em diário para tentar organizar as ideias apreendidas. Se esta organização está aquém de uma linguagem refinada é porque está no mesmo nível de miséria em que vive a personagem, assim como o espaço da narrativa, e também no mesmo nível em que estão os personagens que tentam sobreviver em meio à favela. Assim, é possível considerar a escrita também como uma personagem que está sujeita aos desvios do meio.

Em seu estudo sobre Carolina de Jesus, OLIVA (2014) observa que "[e]m todo o diário, vemos a proximidade que há entre fome de comida, fome de leitura e fome de escrita." (OLIVA, 2014, p. 202). Ante a essa fome — esta falta, esta ausência daquilo que supre as suas necessidades — podemos entender que a abstenção de apuro com a linguagem é justamente em detrimento deste vazio: a ausência de comida para Carolina é a mesma ausência de uma possibilidade de pertencimento a uma ordem social contemplada pelas

políticas públicas, representada, no seu livro, pela “fome” da língua padrão culta.

São contrastes explicitados tanto na forma como o discurso é escrito, como na seleção de termos para a descrição de seu pensamento. Quando Carolina intenta comprar um presente para a filha que aniversaria, ela declara que: “Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida” (JESUS, 2000, p. 9). A apropriação de termos que não integram sua prática de vida – como “o custo de gêneros alimentícios” – visto que a miséria em que vive tem relação com situações de poder que antecedem uma crise momentânea, implica um desejo de apropriar-se de outro lugar na sociedade, que não o da miséria e do quarto de despejo.

Podemos entender, portanto, que o que se ressalta nos sentidos do termo português, que é a força, a comida e a língua opõe-se ao que sobra à mulher negra: apenas os frangalhos, sejam de energia, de alimento e da escrita. Ou como completa FERREIRA (in DUARTE *et al* (Orgs.), 2014): “A escrita dava a Carolina uma outra posição, permitia-lhe sair da condição de favelada e adentrar a condição de escritora, a escrita devolvia-lhe a vida que a favela tinha-lhe roubado.” (FERREIRA in DUARTE *et al* (Orgs.), 2014, p. 210).

Assim, a escrita em uma língua portuguesa não canônica é uma forma de posicionar-se ante a miséria da favela. O modo de escrever único de seu texto pode ser conside-

rado uma espécie de mensagem criptografada a qual está longe do alcance não só dos portugueses, mas também de outros letrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, propomos uma leitura de como a linguagem na escrita de *Quarto de Despejo* apresenta as situações vivenciadas por Carolina Maria de Jesus. A escrita, embora distante da norma culta, aponta-nos para um entendimento sobre o que é a alteridade: é o entendimento do eu, sempre sujeito a máculas, a partir do entendimento do outro.

O que podemos pensar a respeito da produção literária de Carolina Maria de Jesus sobre esse viés de relacionamento da identidade de um com a identidade do outro? BERND (2003) aponta que a literatura dos grupos discriminados preenche "os vazios da memória coletiva" e fornecem "pontos de ancoramento do sentimento de identidade, essencial ao ato de autoafirmação das comunidades ameaçadas pelo rolo compressor da assimilação" (BERND, 2003, p. 15).

As cenas dos portugueses destacam uma alteridade a qual a personagem narradora enxerga como o seu oposto: eles, brancos, estrangeiros, que impõem força, atuam sobre a miséria e tentam explorar os miseráveis. Ela, negra, da favela, lugar periférico, tenta resistir à anulação de si.

Entre o negro e o português, entre o escrito de *Quarto de Despejo* e a língua portuguesa, podemos pensar em uma alteridade que se traduz não só pelas ações do outro, mas também pelo o que escreve. O próprio desejo de Carolina, conforme podemos ver ao longo do diário, de torná-lo publicado, propõe este caráter de que o que alguém escreve torna-se passível para a leitura e para as interpretações do outro.

Carolina Maria de Jesus e os personagens portugueses que ela insere na narrativa encontram-se em uma situação de explorada e exploradores. O português enquanto homem explora com seu domínio e com a sua posse da comida. A língua utilizada na escrita do romance expressa, na forma e no conteúdo, todas as facetas da miserabilidade e subordinação. Carolina possui total liberdade para escrever sobre o que quiser, da forma que convir, subjugando a seu modo um texto que também a subjugava: a linguagem escancara a favela, porém a linguagem não escapa de se tornar favelada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Sergio. Aproximações: teorias contemporâneas da literatura, identidade e diários. *Terra Roxa e Outras Terras - Revista de Estudos Literários*, v. 9, p. 44-56, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007.

BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

FERREIRA, Amanda Crispim. Do Quarto de Despejo, a Poesia de Carolina Maria de Jesus. In: DUARTE, Constância Lima *et al.* (orgs.). *Arquivos Femininos: literatura, valores, sentidos*. Florianópolis: Mulheres, 2014.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Ática, 2000.

OLIVA, Osmar Pereira. A Fome da Escrita — Paratextos no Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus. In: *Anais do VI Colóquio Mulheres em Letras: Literatura e Diversidade*. Belo Horizonte-MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2014, p.199-205.

Submissão: 05/02/2018

Aceite: 29/03/2018